

NOTRE-DAME DE PARIS: TERMINOLOGIA ESPECÍFICA EM TEXTO LITERÁRIO?

NOTRE-DAME DE PARIS : TERMINOLOGIE SPECIFIQUE DANS UN TEXTE LITTERAIRE?



Dennys da Silva Reis¹
(Mestre – POSTRAD/UnB/Brasília/DF/Brasil)
reisdennys@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa discutir a presença da terminologia específica no texto literário. Para tal finalidade, primeiramente, faz-se um panorama da terminologia e seu objeto de estudo; depois, analisa-se o texto hugoano no que concerne à hibridação discursiva e autoral; e, por fim, discute-se as terminologias presentes no capítulo “Gringoire tem várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos”, do romance *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo. Todas essas etapas se destinam a mostrar o processo de monstuação experimentado pelo tradutor por meio da terminologia específica em texto literário.

Palavras-chave: hibridação, texto hugoano, terminologia, monstuação, *Notre-Dame de Paris*.

Résumé : Cet article a pour but discuter la présence de la terminologie spécifique dans le texte littéraire. Tout d'abord, nous entamerons un panorama de la terminologie et de son objet d'étude; deuxièmement, nous analyserons le texte hugolien en tant qu'hybridation du discours et de l'auteur, et dans un dernier temps nous discuterons la terminologie présente dans le chapitre “Gringoire a plusieurs bonnes idées de suite rue des Bernardins” du roman *Notre-Dame-de-Paris*, de Victor Hugo. Toutes ces étapes visent à montrer le processus de monstuation expérimenté par le traducteur sur la terminologie dans le texte littéraire.

Mots-clés : hybridation, texte hugolien, terminologie, monstuation, *Notre-Dame de Paris*.

27

Muitos são os estudos da terminologia como inter- e transdisciplinaridade. Porém, definir terminologia é complexo porque ela pode ter não somente uma, mas várias definições no que concerne a seus fundamentos, seus enfoques, aplicações práticas, como disciplina ou mesmo como prática e/ou produto dessa prática.

A terminologia como objeto pode ser considerada um conjunto de termos de uma especialidade. Como disciplina, congrega conhecimentos das diferentes ciências, a fim de prestar serviço às áreas técnico-científicas. Enquanto prática, seria um conjunto de ações que evolui no contexto da criação de termos, sua coleta, explicação e apresentação em diferentes meios impressos e eletrônicos (DIAS, 2012).

A terminologia está intimamente ligada à comunicação direta de especialistas, à mediação comunicativa e ao planejamento linguístico, ajudando a representar conteúdo de

documentos e a facilitar o acesso a esse conteúdo. Por conseguinte, é de onde provêm os glossários, dicionários especializados, manuais e outras tipologias textuais técnico-científicas.

É interessante notar que com a evolução dos meios de comunicação e com o interesse e a grande divulgação das ciências nos meios de comunicação de massa, a terminologia vem sendo cada vez mais requisitada para facilitar a divulgação de informações especializadas e organizadas (ARTIZ; PICT, 1995).

Diante disso, até mesmo os tradutores de textos literários se servem da terminologia, visto que há textos literários que, em meio à narrativa, trazem uma gama de informações especializadas das mais diversas áreas técnico-científicas. Em *Notre-Dame de Paris*, romance de Victor Hugo de 1831, muitas das descrições feitas pelo narrador são precisas e bem definidas e, para tal, são utilizados termos especializados de diferentes áreas.

O presente trabalho visa, então, discutir a relação entre terminologia e texto literário em *Notre-Dame de Paris*, de Hugo. Propõe-se investigar algumas das áreas especializadas que acompanham a escritura hugoana no romance e mostrar como a terminologia acaba, por vezes, se tornando um “monstro” para o tradutor de texto literário.

28

Para alcançarmos tal objetivo, primeiramente foi empreendida a tradução do capítulo 1 do décimo livro de *Notre-Dame de Paris*, intitulado “Gringoire a plusieurs bonnes idées de suite rue des Bernardins”;² após sua tradução, foram estabelecidos, nesse mesmo capítulo, os termos especializados e suas devidas áreas.

Antes de entrelaçarmos texto literário e terminologia, faz-se necessário analisarmos a maneira pela qual se constitui o texto hugoano.

O TEXTO HUGOANO

Nos anos de 1830, a legitimidade do gênero romanesco se deu com o saber de ordem histórica e, por causa disso, muitas vezes, nem sempre se conseguia distinguir história e romance. Já nos anos posteriores a 1860, esse gênero vai buscar novos fundamentos na ciência. Essa pretensão científica do romance fará com que o gênero se torne “realista”. Realista não como estética literária, mas sim a ponto de imitar a realidade, de conter o “real” dentro da ficção. Tal tendência de escrita alcançará muitos escritores como Flaubert, Balzac e Victor Hugo (ROMAN, 1999). É importante notar que mesmo em *Notre-Dame de Paris*, um romance de 1831, essa tendência “realista” já se manifestava na obra de Hugo.

Mesmo tendo escrito romances com ambientações diferentes da época em que vivia – como é o caso de *Notre-Dame de Paris*, que se passa na Idade Média –, Victor Hugo utilizou

REIS. Notre-dame de Paris: terminologia específica em texto literário?
Belas Infêis, v. 2, n. 1, p. 27-39, 2013.

muito da realidade de seu tempo e, na maioria das vezes, fazendo críticas à sociedade francesa oitocentista. Ou seja, o contexto histórico vivenciado pelo autor marca presença constante em sua obra, assim como o contexto artístico, filosófico, social, literário, cultural, idiomático, político, educacional, moral, religioso e até mesmo familiar e afetivo. Tais contextos nos são apresentados com riqueza de detalhes, construída pelo emprego de muitos substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes, verbos e mesmo de preposições, conjunções e interjeições. Charmarat-Malandain nos afirma que:

On aboutit donc à une forme de retournement: le récit ne met pas en cause la réalité de ce qu'il donne à lire mais propose une vaste interrogation sur l'usage social du langage pour dire le monde, la société elle-même, l'histoire, pour en discuter.

On peut partir du plus simples: des langues spécifiques et de leur lexique. On sait le goût de Hugo pour l'exactitude, ou son effet, dans ce domaine; elle est sensible aussi bien chez le narrateur que chez les personnages, chefs, paysans, Parisiens. Elles appartiennent à plusieurs domaines: celui de la nature, avec des termes relevant moins de la science que d'usages locaux qui se confondent ou non avec elle: botanique, ornithologie, topographie, météorolog³ (CHARMARAT-MALANDAIN, 2005, p. 279).

Ou seja, a autora nos alerta para o fato de que a realidade apresentada por Hugo seria uma forma de interrogar a sociedade e até mesmo de propor uma nova leitura da realidade. Esta, por sua vez, é proporcionada ao leitor através de “línguas específicas”, ou seja, do léxico especializado. Esse léxico é empregado de forma precisa e em circunstâncias pontuais.

Millet, ao analisar essas “línguas” e léxicos na obra hugoana, faz as seguintes ponderações:

Elle [a língua] est aussi l'oeuvre de ces écrivains plus humbles que sont les traducteurs, parce que “dans toute traduction il y a de l'amalgame”, et que “les transformations de langues ont besoin d'une mixture préalable”: les langues demandent pour vivre et se rénover de se mêler. La pensée linguistique hugolienne rejoint sa pensée poético-politique: pas vie sans mise en contact, communication, hybridation, “mixture”. Mixture de la langue aux langues spéciales que tout à la fois elle contient et exclut, mixture des langues vivantes et des langues mortes, mixtures internationale des idiomes. L'hybridation a fait la vie des langues – ce dont témoignent partout dans l'oeuvre les étymologies. Et elle continue, à travers la pratique hugolienne de l'hybridation de la langue française par ses “langues spéciales” (argot, patois, jargons), et par les langues européennes [...] (MILLET, 2005, p. 551).⁴

Dessa forma, podemos inferir que o texto hugoano – seja o dos gêneros romanesco, dramático e poético, ou os do tipo filosófico, crítico ou político – é híbrido. Segundo Marcos Bagno (2012), todo e qualquer texto, falado ou escrito, é intrinsecamente híbrido porque pode apresentar marcas de extremo monitoramento do discurso, assim como outros usos que escapam do que está previsto nas gramáticas normativas. No caso de Hugo, seu texto é híbrido

porque apresenta misturas de línguas, seja no nível dos diferentes idiomas (neologismos, justaposições, aglutinações, derivações e hibridismos), seja no nível de registro da própria língua francesa (formal, informal, familiar), ou de léxicos utilizados (especializados ou não).

O hibridismo do texto hugoano é, talvez, o mais árduo problema encontrado pelos tradutores de seus textos, pois para a operação de traduzir é necessário manipular uma série de conhecimentos contextuais, discursivos e linguísticos. Um desses conhecimentos é o saber terminológico, uma vez que vasta parte dos textos de Hugo adquire forte precisão devido ao uso do léxico especializado, sobretudo nas descrições de lugares, objetos e ações ditas específicas, técnicas ou científicas de seus personagens. Vejamos alguns exemplos de terminologias utilizadas no texto *Notre-Dame de Paris*, no capítulo intitulado “Gringoire tem várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos”.

ALGUNS TIPOS DE TERMINOLOGIA NO TEXTO HUGOANO

Sabe-se que a terminologia compreende os termos, a fraseologia especializada e as definições. O termo é o léxico especializado de uma determinada área; a fraseologia especializada constitui “combinações pluriverbais fixas ou semifixas formadas basicamente por duas unidades lexicais” ou “fórmulas ou frases feitas, próprias de determinados âmbitos especializados” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 86); e a definição terminológica, *grosso modo*, é a descrição dos termos de um domínio.

O texto literário de Hugo apresenta basicamente termos e fraseologias especializadas. Além disso, Victor Hugo cria uma terminologia própria, com definições que ele mesmo constitui dentro de sua narrativa. Tomemos dois exemplos da extensa obra hugoana: em *Bug-Jargal* (1818), ao descrever o negro, Hugo define todos os seus tipos – *mulâtres*, *quarterons*, *sacatras*, *griffes* e *sang-mêlés* (HUGO, 1970); já em *L’Homme qui rit* (1869), o autor utiliza a palavra *comprachicos* e a define como aqueles que comercializavam crianças na Inglaterra entre os séculos XVII e XVIII⁵ (HUGO, 2002). Porém, para o presente trabalho, nosso foco não é a “terminologia hugoana”, mas sim a terminologia de outras áreas utilizadas por Hugo em seu texto ficcional.

Como já mencionado que os exemplos aqui relacionados fazem parte do romance *Notre-Dame de Paris* e mais especificamente do capítulo I do livro X, cabe, a título de contextualização, fazer uma pequena apresentação da obra.

No século XV, em Paris, a jovem e bela cigana, Esmeralda, dança na praça da catedral *Notre-Dame-de-Paris*. Claude Frollo, arcebispo da catedral, e Quasimodo, o sineiro disforme, se apaixonam pela jovem.



Figura 1: Maureen O'Hara como Esmeralda em *The hunchback of Notre-Dame*, 1939.

Frollo ordena a Quasimodo que expulse Esmeralda da catedral e a entregue à polícia, mas ela é salva *in extremis* por uma brigada de arqueiros, liderada por Phœbus de Châteaupers. Os dois se apaixonam, embora o jovem capitão estivesse noivo da nobre Fleur-de-Lys. Este compromisso não o impediu de marcar um encontro com a cigana em um local fechado, mas, quando estavam prestes a consumir sua união, Frollo apunhala Phœbus,

acreditado morto. Acusada injustamente dessa morte, Esmeralda prefere tentar escapar do suplício a se entregar a Frollo. Quasimodo, apaixonado, não deixa que ela seja capturada pelas forças da ordem e a protege escondendo-a na catedral. Os vagabundos com os quais Esmeralda vivia a tiram da catedral e Frollo tenta apoderar-se da jovem. Diante da recusa obstinada, o arcediogo decide entregá-la a uma velha que morava no *Trou-aux-Rats*. Esta poupa a vida de Esmeralda, que é sua filha, outrora desaparecida. Desafortunadamente, os guardas a interpelam e a fazem cumprir o suplício a ela prometido. Quasimodo e Frollo assistem ao espetáculo do alto da Notre-Dame e o sineiro, cheio de raiva, empurra o arcediogo catedral abaixo. Em seguida, vai para o ossuário de Montfaucon, onde, abraçado ao corpo de Esmeralda, se deixa morrer.

32



Figura 2: Charles Laughton como Quasimodo em *The hunchback of Notre Dame*, de 1939.

Não é possível depreender através da sinopse do romance a utilização dos diferentes campos lexicais abordados por Hugo. Porém, durante a leitura da obra, é possível identificar longas descrições de seres vivos e inanimados, de ações dos personagens e de ambientes em que se desenvolve a trama. O todo é tecido com muita precisão e especificidade, utilizando-se, por vezes, da terminologia de domínios diversos. No capítulo “Gringoire tem várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos” é possível observar pelo menos três tipos de

terminologias distintas: a arquitetônica, a eclesiástica e a que compreende o vestuário dos personagens. Vejamos o Quadro 1:

QUADRO 1: TERMINOLOGIA DA ARQUITETURA		
FRANCÊS	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁶
Abside	Abside	Nicho ou recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado, geralmente situado nos fundos ou na extremidade de uma construção ou de parte dela
Arcs-boutants	Arcobotantes	Construção, em forma de meio arco, erguida na parte exterior dos edifícios góticos para apoiar as paredes e abóbadas.
Chapelle	Capela	Abóbada de galeria de aqueduto, de forno, etc.
Chevet	Abside	Nicho ou recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado, geralmente situado nos fundos ou na extremidade de uma construção ou de parte dela.
Colonnette	Coluneta	Diminutivo de coluna. Coluna: Suporte vertical, cilíndrico ou quase cilíndrico, usado como ornato em edificações e monumentos ou como elemento de sustentação para partes elevadas de um edifício, abóbadas, arcos etc., e consta geralmente de base ou pedestal, fuste e capitel; sua forma e proporções específicas distinguem-se do <i>pilar</i> .
Porche	Pórtico	Local coberto à entrada de um edifício, de um templo, de um palácio, etc.
Tourelle	Torrinha	Diminutivo de torre. Torre: edifício alto, geralmente fortificado, usada antigamente para defesa em caso de guerra; fortaleza.

33

Percebemos que o uso da terminologia arquitetônica nesse capítulo é bastante específico; capítulo cuja tradução perfaz apenas nove páginas traduzidas diante das 12 páginas no texto-fonte.⁷ Tal terminologia é utilizada na descrição dos espaços e sua constituição, mas também é, por vezes, empregada pelos personagens em seus diálogos, para precisar os ambientes. Hugo utiliza sinônimos de um mesmo termo em seu texto como no caso de *chevet* e *abside* que, em português, coincidem no mesmo vocábulo especializado: *abside*.

No que tange à terminologia da arquitetura, apenas esses termos acima citados figuram no capítulo ora estudado; porém, os mesmos termos figuram em outros capítulos de *Notre-Dame de Paris* conjuntamente com vários outros que identificamos como pertencentes ao léxico especializado desta área.

É também importante ressaltar que nessa obra em específico a terminologia arquitetônica é profusa, visto que o projeto do autor visa caracterizar como personagem principal a catedral Notre-Dame-de-Paris e, de alguma forma, divulgar e/ou popularizar as belezas de tal empreendimento arquitetônico (STEIN, 2009).

A segunda área de terminologia encontrada no capítulo X é a eclesiástica, conforme podemos observar no Quadro 2:

REIS. Notre-dame de Paris: terminologia específica em texto literário? *Belas Infêis*, v. 2, n. 1, p. 27-39, 2013.

QUADRO 2: TERMINOLOGIA ECLESIAÍSTICA		
FRANCÊS	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁸
Archidiacre	Arcediago	Dignitário eclesiástico que recebe do bispo certos poderes junto dos párocos, curas, abades etc. de uma diocese.
Dom	Dom	Denominação que acompanha certos cargos eclesiásticos.
Évêque	Bispo	Na Igreja Católica, eclesiástico que tem a plenitude do sacerdócio, com poderes de conferir os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é posto na direção espiritual de uma diocese, sendo, por sua função, considerado sucessor dos apóstolos de Jesus. [Pode ser nomeado pelo papa ou sagrado por outro eclesiástico com poderes para tanto; hierarquicamente, só está subordinado ao papa e, eventualmente, a um arcebispo; os paramentos que o distinguem são o báculo, o anel, a cruz peitoral e a mitra.]
Moyen de Salut	Meio de Salvação	Desenvolvimento da economia sacramental

O fato de o romance se passar na catedral Notre-Dame-de-Paris e de dois dos personagens principais estarem diretamente ligados à vida eclesiástica – Claude Frollo, que é padre, e Quasimodo, que trabalha como sineiro da catedral – faz com que o texto seja marcado pela terminologia do léxico especializado do domínio eclesiástico.

34

Além do comparecimento da terminologia eclesiástica no texto hugoano, é possível reconhecer a presença da fraseologia especializada “meio de salvação”, que, também sendo uma frase feita, é igualmente uma combinação pluriverbal fixa com duas unidades lexicais, o que é muito presente em textos eclesiásticos. A terminologia eclesiástica também figura em outros capítulos do romance, incluindo no campo terminológico objetos, atos, pessoas e mesmo datas e ocasiões integrantes do domínio eclesiástico e seu léxico especializado, auxiliando assim na caracterização de cenas, personagens e diálogos do texto.

A terceira terminologia encontrada no capítulo estudado diz respeito ao vestuário. Observe-se no Quadro 3:

QUADRO 3: TERMINOLOGIA DO VESTUÁRIO		
FRANCÊS	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁹
Coiffe	Touca	Peça feita de fazenda, lã, renda, etc., usada por mulheres e crianças, e que lhes cobre a parte superior e posterior da cabeça.
Gonelle	Gonela	Espécie de túnica. Túnica: veste geralmente longa, inteiriça e meio justa, com ou sem mangas, usada por povos antigos.
Hoqueton de guerre	Saio de guerra	Antigo vestuário largo e curto, geralmente feito de tecido grosseiro, usado pelos guerreiros; saia.
Livrée	Libré	Fardamento provido de galões e botões distintivos usado pelos criados de casas nobres e senhoriais.
Pourpoint	Gibão	Antiga peça do vestuário masculino, usada por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura.

Soutane	Batina	Veste tipo bata, que vai até os tornozelos, com mangas compridas e colarinho sem gola, geralmente preta, usada pelos clérigos e sacerdotes católicos que não pertencem a uma ordem ou congregação que tenha hábito próprio.
---------	--------	---

A terminologia relativa ao vestuário auxilia Hugo na descrição de seus personagens e mesmo na construção de alguns diálogos, como no caso do capítulo em estudo. É notório o quanto esses tipos de vestimentas são específicos. Apenas com alguns deles é possível definir ou mesmo delinear algumas das características sociais de um ou mais personagens.

Inferese-se que o grande campo lexical dos termos em questão seria a “túnica”, pois com exceção de “touca”, os demais termos poderiam ser facilmente traduzidos simplesmente por “túnica”, termo comum, mas que designaria, *grosso modo*, uma roupa do século XV – época em que se passa o romance. Todavia, a exatidão hugonana no emprego das palavras, expressa no léxico específico do vestuário, não nos permite proceder de tal forma, até porque os românticos, como Hugo, eram bastante detalhistas e as ideias científicas do século XIX permeavam a literatura e outras áreas do conhecimento, fazendo com que mesmo um texto literário tivesse certo cientificismo, neste caso visto através da opção pelo léxico especializado e também na difusão de ideias “científicas” (CASTELLO, 2004).

35

Tais terminologias percebidas na escrita de Victor Hugo deixam, por vezes, os tradutores apreensivos diante da especificidade do texto; de uma riqueza de detalhes e sutilezas que vão além de adjetivos e advérbios e chegam à(s) terminologia(s). A busca pela tradução exata de termos e fraseologias solicita ao tradutor cuidado redobrado na consulta à documentação ou a obras de referência capazes de auxiliar na adequada tradução do texto hugoano. Tal complexidade pode se tornar um *monstro* para o tradutor.

MONSTRO OU MONSTRUACÃO?

Não é recente a relação entre monstrosidade e tradução. Poderíamos fazer um grande panorama de tal relação que surge na Antiguidade e que se faz presente até a contemporaneidade. Todavia, no Brasil, Célia Magalhães é uma das pioneiras no tratamento dessa relação e assim exemplifica a tradução-monstro,¹⁰ ao afirmar que

um dos criadores do movimento da vanguarda concretista, Campos se apropria da prática antropofágica, entre outras, tanto em seu projeto tradutório como na formulação de sua teoria de tradução. A obra traduzida de Campos constitui-se de fragmentos de outros textos que, em última instância, parecem servir de pretexto para a elaboração de sua teoria da tradução, aqui caracterizada como “monstruosa” ou como teoria frankensteiniana da tradução (MAGALHÃES, 1998, p. 25-26).

REIS. Notre-dame de Paris: terminologia específica em texto literário?
Belas Infêéis, v. 2, n. 1, p. 27-39, 2013.

Magalhães parece caracterizar a tradução como monstro no sentido de dispormos de um texto concreto em língua fonte e o reconstituirmos em língua de chegada, como no caso da aberração criada por Victor Frankenstein, reconstruída a partir de partes distintas de corpos humanos até se tornar um teratismo. Tal teoria é exemplificada pela autora como a forma e a maneira pela qual Haroldo de Campos constitui sua teoria e sua prática de tradução: ele recria, transcreve. Além disso, um desses processos de recriação é a antropofagia, em que “*toute traduction est donc un acte anthropophage par absorption du texte source et création de texte traduit*”¹¹ (TORRES, 2004, p. 27).

No que tange à terminologia no texto literário, a tradução-monstro aí se faz presente, visto que é preciso buscar no original os léxicos especializados e por meio do ato tradutório não apenas recriar ou transcrever, mas fazer corresponder a mesma terminologia das áreas evocadas no texto-fonte. É essa busca terminológica que faz da terminologia em texto literário um fardo tradutório, uma tarefa monstruosa. Pois, a fim de tentar recriar o discurso/estilo do autor, o tradutor necessita também pesquisar a terminologia utilizada. Tal ato, nós o nomeamos aqui de monstrosidade tradutória.

36

A monstrosidade tradutória seria um ato complexo e específico experimentado pelo tradutor, na busca da manutenção de certa terminologia ou discurso/estilo autoral, no desejo de bem exercer sua tarefa.

Em textos literários como *Notre-Dame de Paris*, a monstrosidade tradutória, talvez, seja mais um dos grandes problemas que permeia a tradução, visto que o texto hugoano seria, de certa forma, antropofágico, no sentido de se apropriar de outros domínios para constituir sua narrativa.

DESFECHO PROVISÓRIO

A terminologia se revela presente na literatura de determinadas estéticas, ora para imprimir um discurso cientificista, ora para acompanhar descrições e narrações extremamente específicas. Pode-se dizer que *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, é uma obra ficcional na qual a terminologia desempenha papel relevante.

Acredita-se que a hibridação do texto hugoano contribui para a presença de terminologias das mais diversas áreas em sua obra. Além disso, o projeto discursivo e autoral que parece buscar a exatidão, a precisão e o detalhamento das descrições de seus personagens, ambientes e seres inanimados evocados na narrativa remete direta e indiretamente à expressão de campos lexicais especializados ou não.

Por sua vez, o projeto literário hugoano implica na monstrosidade tradutória ou no desejo-preocupação em constituir, em língua de chegada, a obra hugoana tal como ela é: informativa, detalhista, intrigante e artística.

O estudo da terminologia em texto literário tem, a princípio, duas finalidades: primeiramente, a validação de certas terminologias utilizadas no texto literário e; em seguida, a homogeneização do mesmo, principalmente quando este é extenso e as terminologias são usadas repetidamente em toda a narrativa, como no caso de *Notre-Dame de Paris*.

É preciso considerar que os estudos de terminologia em texto literário ainda são incipientes, mas abrem uma nova perspectiva que emerge dos Estudos Literários e Terminológicos. E, possivelmente, muito contribuirá para as reflexões em torno do que vem a ser o discurso e o próprio texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIZ, Reiner; PICHT, Heribert. **Introducción a la terminología**. Traducción del alemán, Amelia de Irazazábal. Madrid: Fundación Germán Rui Pérez, 1995.

BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo e tradução. **Traduzires**, v. 1, n. 1, p. 19-32, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6652/5368>>. Acesso em: 10 out. 2012.

CASTELLO, J. D. **A literatura brasileira: origem e unidades (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 2004.

CHARMARAT-MALANDAIN, G. Langue, parole et savoir dans *Quatrevingt-treize*. In: NAUGRETTE, Florence. **Victor Hugo et la langue: Actes du Colloque de Cerisy, 2-12 août 2002**. Paris: Bréal, 2005.

DIAS, Cláudia A. **Terminologia: conceitos e aplicações**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2012.

HUGO, Victor. **Notre-Dame de Paris**. Paris: Flammarion, 2009.

_____. **L'Homme que rit**. Paris: LGF, 2002.

_____. **Le dernier jour d'un condamné précédé de Bug-Jargal**. Paris: Gallimard, 1970.

38 KRIERGE, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004,

MAGALHÃES, CÉLIA M. **Os monstros e a questão racial**. (1998). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2002/Célia%20Maria%20Magalhães.pdf> . Acesso em: 03 out. 2012.

MILLET, C. Histoire de la langue. In: NAUGRETTE, Florence. **Victor Hugo et la langue: Actes du colloque de Cerisy, 2-12 août 2002**. Paris: Bréal, 2005.

ROMAN, M. **Victor Hugo et le roman philosophique: du drame dans les faits au drame dans les idées**. Paris: Honoré Champion, 1999.

STEIN, M. Présentation, notes, dossier, chronologie, bibliographie. In: HUGO, Victor. **Notre-Dame de Paris**. Paris: Flammarion, 2009.

TORRES, Marie-Hélène C. **Variations sur l'étranger dans les lettres brésiliennes: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes**. Paris: Artois Presses Université, 2004.

¹ Currículo Lattes em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=S3518978> > .

² “Gringoire tem várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos” (tradução nossa).

³ “Chega-se, portanto, a uma forma de reviravolta: a narrativa não põe em causa a realidade do que ele dá a ler, mas propõe uma vasta interrogação sobre o uso social da linguagem para dizer o mundo, a própria sociedade, a história, para discorrer isso.

“Podemos partir do mais simples: das línguas específicas e do seu léxico. Sabemos o gosto de Hugo pela exatidão, ou seu efeito neste domínio; é perceptível também tanto no narrador quanto nos personagens, líderes, camponeses, parisienses. Pertencem a diversos domínios: aquele da natureza, com termos dependentes menos da ciência que de usos locais que se confundem ou não com ela: botânica, ornitologia, topografia, meteorologia” (tradução nossa).

⁴ Ela é também obra de seus escritores mais simples que são os tradutores, porque “em toda tradução há uma amálgama”, e “as transformações das línguas precisam de uma mistura prévia”: as línguas pedem para viver e se renovar de se misturar. O pensamento linguístico hugoano reuni seu pensamento poético-político: nada de vida sem colocado em contato, comunicação, hibridação, ‘mistura’. Mistura de língua às línguas especiais que tudo ao mesmo tempo contêm e exclui, mistura de línguas vivas e línguas mortas, mistura internacional de idiomas. A hibridação fez a vida das línguas – essa a qual testemunha em toda parte na obra as etimologias. E ela continua, através da prática hugoana de hibridação da língua francesa por suas ‘línguas especiais’ (gíria, patoá, jargão) e pelas línguas europeias [...]” (tradução nossa).

⁵ Ver capítulo II (“*Les Comprachicos*”) da primeira parte do romance intitulado *La mer et la nuit*.

⁶ Todas as definições aqui presentes foram retiradas do *Dicionário Houaiss*, em que contava rubrica arquitetura.

⁷ Menciono aqui as páginas em Word traduzidas desse capítulo e as páginas do capítulo do romance de Hugo em francês publicadas pela editora Flammarion que consta na bibliografia deste artigo.

⁸ Todas as definições aqui presentes foram retiradas do *Dicionário Houaiss*, em que constava rubrica termo “eclesiástico”, com exceção da fraseologia especializada “meio de salvação”.

⁹ Todas as definições aqui presentes foram extraídas dos dicionários: *Houaiss*, Porto Editora, e *Le Petit Robert*, em que contava a rubrica vestuário, com exceção da fraseologia especializada “saio de guerra”.

¹⁰ Vale lembrar que nem todo monstro é feio e mal, mas também pode ser constituído de beleza e bondade. Assim como nem toda tradução-monstro é ruim e insignificante, mas pode ser boa e relevante.

¹¹ “Toda tradução é então um ato antropofágico por absorção do texto fonte e criação do texto de partida” (tradução nossa).